

# *Intelectualidade e ideologia: Gustavo Barroso e o Integralismo em Juiz de Fora*

Leandro Pereira Gonçalves\*

Vanessa Aparecida Lobo Amancio\*\*

## RESUMO

O trabalho tem como objetivo correlacionar a função do intelectual orgânico proposto por Antonio Gramsci, tomando como base Gustavo Barroso e, analisar a importância da ideologia na formação e no desenvolvimento de uma sociedade, mais especificadamente, da ideologia integralista em Juiz de Fora na década de 1930, espaço onde se iniciou a influência integralista em um Instituto Educacional, o Instituto Granbery da Igreja Metodista. É necessário identificar a relação das três palestras desenvolvidas por Gustavo Barroso em Juiz de Fora com a grande repercussão do integralismo. Para tal pesquisa, os aparatos bibliográficos são referentes a obras integralistas como do próprio Gustavo Barroso, obras sobre intelectualidade como de Antonio Gramsci, assim como também obras sobre ideologias como a de Terry Eagleton.

**Palavras-chave:** Intelectual Orgânico. Gustavo Barroso. Integralismo. Juiz de Fora.

---

\* Doutorando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (bolsista CAPES); Mestre em Literatura Brasileira pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora; Especialista em História do Brasil pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Licenciado em História pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora; Professor Titular do Curso de História do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora; Pesquisador dos Grupos: Integralismo e outros movimentos nacionalistas (UFF/CNPq); Cidadania, Trabalho e Exclusão (UFJF/CNPq); Movimentos Políticos e Intelectuais na primeira metade do séc. XX (UFRPE/CNPq); Literatura e Autoritarismo (UFSM/CNPq); Observatório da Indústria Cultural (UFF/CNPq); E/Imigrações: histórias, culturas, trajetórias (MACKENZIE/CNPq) e Percursos literários brasileiros (CES-JF/CNPq).

\*\* Graduada em História pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

## ABSTRACT

This paper's goal is to correlate the function of the organic intellectual proposed by Gramsci, using Gustavo Barroso as a basis, and to analyze the importance of the ideology in the formation and the development of a society, more specifically, the ideology of the integralism in Juiz de Fora in the 1930s, where the influence of the integralism began in an Educational Institution, called Instituto Granbery da Escola Metodista. It is necessary to identify the relationship between the three lectures developed by Gustavo Barroso in Juiz de Fora and the great repercussion of the integralism. For the research, the bibliographical items refer to works related to the integralism such as Gustavo Barroso's, intellectual works such as Antonio Gramsci's, as well as ideology works such as Terry Eagleton's.

**Keywords:** Organic intellectual. Gustavo Barroso. Integralism. Juiz de Fora.

## 1 INTRODUÇÃO

O ensaio, *Intelectualidade e Ideologia: Gustavo Barroso e o integralismo em Juiz de Fora*, visa identificar os aspectos acerca da disseminação de uma ideologia, de um intelectual, e das intenções deste último com a sociedade. Sociedade essa buscada nos moldes brasileiros, na cidade de Juiz de Fora- MG no decorrer dos anos da década de 1930.

O intelectual e seu papel como criador, mediador, transmissor de uma certa ideologia retrata-se na figura de Gustavo Barroso, membro honorário nos círculos sociais do Brasil do século XX, difusor e um dos líderes nacionais da Ação Integralista Brasileira (AIB). Sua biografia intelectual assemelha-se ao modelo do intelectual orgânico proposto por Antônio Gramsci, explicitando, contudo, a vertente esquerdista do autor italiano. A AIB, movimento político fundado em 7 de outubro de 1932 por Plínio Salgado, articulado como um movimento classe média, de grande repercussão no Brasil dos anos 30 mostrou-se presente nos discursos de Gustavo Barroso em Juiz de Fora, Minas Gerais. Certamente, o que mais condiciona o prumo deste trabalho é o aprofundamento nos discursos realizados por Barroso em Juiz de Fora, enquanto propagador da ideologia integralista, encaixando-se no modelo de intelectual orgânico e articulando junto a um espaço educacional da época, o Instituto Granbery da Igreja Metodista, a busca pela hegemonia cultural através dos jovens alunos.

Em um primeiro momento a questão da ideologia é debatida e analisada através das perspectivas de ruptura ou continuidade desse modelo tão especulado nos últimos tempos, considerando a época referente ao desenvolvimento da ideologia integralista e o contexto em que esteve inserida. Segue-se então, a relevância acerca da figura do intelectual, seu histórico e seu reconhecimento ao longo da história. Assim, a figura do intelectual Gustavo Barroso é analisada através do estudo sobre a real possibilidade de aproximação do integralista com o modelo intelectual orgânico proposto por Gramsci. Mesmo não existindo uma única interpretação de Gramsci no Brasil e sendo ainda o italiano reconhecido como de esquerda, as relações com um intelectual orgânico nos moldes de uma ideologia de extrema direita fizeram-se plausíveis e interessantes diante do presente trabalho.

O último momento aborda os conceitos do integralista Gustavo Barroso através de sua presença no ano de 1933 em Juiz de Fora. Para isso suas três conferências realizadas nos dias 20, 21 e 22 de outubro de 1933 (as duas

primeiras no salão do Instituto Granbery e a última no salão de festas do Pálace Hotel) são estudadas para demonstrar a importância da atuação do integralista em âmbito educacional.

Dessa forma, é de suma importância estabelecer os parâmetros intelectuais que traduzem o desenvolvimento do integralismo no âmbito juizforano. Cabe aqui aprofundar e analisar a relação existente entre ideologia-intelectual-sociedade, sendo o ideólogo membro de uma classe social e inserido no mesmo contexto, o que o condiciona a propalar uma determinada ideologia.

## 2 NECESSIDADE DE MUDANÇAS

O mundo estava perplexo. Uma guerra mundial marcava o cenário internacional de disputas expansionistas no início do século XX, em que diversos países testavam sua supremacia. Entre eles, estava o Brasil, em um período marcado pela Primeira República (1889-1930), por uma política dominada e atrelada aos jogos oligárquicos dominantes, à exportação agrícola, principalmente a cafeeira, às disputas dos setores que eclodiam diante da urbanização inerente ao processo que se articulava com a sistematização industrial, a formação de novos blocos intelectuais insatisfeitos com uma política pautada aos moldes do eixo Minas Gerais-São Paulo, de uma classe média que inquietantemente acompanhava o crescimento das cidades, de uma sociedade que estava em processo de transformação.

Esse cenário de revoltas tenentistas, formação de partidos políticos como o Partido Comunista do Brasil, manifestações culturais que alcançaram proporções críticas internacionais, como é o caso da Semana de Arte Moderna (1922), a crise brasileira e mundial de 1929, as eleições no mesmo ano, já demonstrava o declínio inerente a esse período. (MENDONÇA, 1990). O Golpe de 1930 coloca no poder Getúlio Vargas, pondo fim à chamada República Velha. A política pautada na autonomia dos Estados perdeu força, mas nem por isso o novo governo catalisou eficazmente os parâmetros propostos pelos novos tempos.

Assim como acontecia globalmente, no Brasil também era irremediável obter novas bases de sustentação para que o progresso fosse garantido. A centralização do poder estava em ordem e, mediante essas mudanças, uma

nova corrente intelectual se desenvolvia, estando à sua frente Plínio Salgado, escritor e jornalista, atuante da Semana de Arte Moderna, membro político, fundador da Sociedade de Estudos Políticos em fevereiro de 1932 e que, logo após, em outubro do mesmo ano, transformou-se na Ação Integralista Brasileira (AIB), um novo Partido Político iniciado em 7 de março de 1935.

A partir do comando do Chefe Nacional, Plínio Salgado, o integralismo combateria um país emergido nas deficiências mundiais, em um materialismo e individualismo que só conseguiriam ser vencidos através de uma revolução espiritual, num intuito de responder a política do capitalismo liberal, responsável pelas crises decorrentes das décadas 20 e 30 do século XX e, principalmente, pelo comunismo, “visto como o auge da civilização materialista e ateuista” (BERTONHA, 2000, p.64). O integralismo estava inserido em um contexto de transformações que suscitavam a construção e a fortificação de uma nova ideologia.

O que se conhece por ideologia está envolto em uma problemática conceitual advinda de debates intelectuais acerca do tema que ultrapassam os séculos e denotam a permeabilidade de um conceito que não tende a findar-se, pelo contrário, fertiliza-se cada vez mais no campo e nas discussões. Sendo assim, “estudar uma formação ideológica é, portanto, entre outras coisas, examinar o complexo conjunto de ligações ou mediações entre seus níveis mais ou menos articulados” (EAGLETON, 1997, p.55). Fazer referência ao uso da ideologia integralista diante dos anos que compuseram a década de 30 no Brasil significa atribuir ao movimento a utilização de larga participação nos mais diversos campos sociais: escolas, festas de aniversário, velórios, batizados, igrejas, entre outros. Pode-se falar, então, em um projeto que atende a uma proposta mais abrangente nesses parâmetros, a uma categoria de merecido destaque: a hegemonia, que na perspectiva gramsciana representa “[...] uma categoria mais ampla que a ideologia: inclui a ideologia, mas não pode ser reduzida a ela [...]” (EAGLETON, 1997, p.105).

Desta forma, o poder dominante perpassa os indivíduos através dos meios sociais, como escolas, igrejas, escotismo, velórios entre tantos outros que se engendraram através de “[...] dispositivos hegemônicos, que submetem os indivíduos ao poder dominante antes pelo consentimento do que pela coerção [...]” (EAGLETON, 1997, p.106).

Não menos importante, a ideologia assume um papel fundamental em Gramsci, por ele trabalhar com uma “ideologia orgânica”, pautada na apreensão

de um momento histórico específico, na incorporação das necessidades do dado momento, na particularidade dos acontecimentos que desenvolvem uma dada ideologia. Constatada sua importância, com Gramsci a ideologia é a “[...] que se efetua a transição crucial de ideologia como ‘sistema de idéias’ para ideologia como prática social vivida, habitual [...]” (EAGLETON, 1997, p.107). Assim, atinge sua posição diante da história, dos fatos e do desenvolvimento desses para sua formulação, sua propagação, ou mesmo sua supressão.

E sobre a ideologia do integralismo diversos estudos apontam para o caráter fascista ou não do movimento, mas o que de fato o integralismo desejava era centralizar o poder do Estado Integral nas mãos do chefe nacional. Esse poder tão almejado pelo sigma estava diretamente ligado à questão ideológica, uma vez que “[...] o termo ideologia, em outras palavras, parece fazer referência não somente a sistemas de crença, mas a questões de poder.” (EAGLETON, 1997, p.18).

A ideologia integralista também priorizava a honra e a moralidade, desvalorizando o corpo e os sentidos e enaltecendo o espírito. Os camisas-verdes adotavam ideologicamente diante da figura da mulher a mera função procriativa, sendo o sexo abominável quando acompanhado pelos prazeres. A constante vigilância do corpo compunha um dos arcaísmos ideológicos do integralismo. A ideologia tão fortemente apegada ao cristianismo solidificava suas bases ideológicas nos anos 30, articulando-se em uma época em que tais premissas tornavam-se simpáticas aos olhares desconfiados, caracterizando o movimento integralista “[...] ora como fascismo, ora como movimento de repressão ou populismo falho”. (PARENTE, 1986, p. 32).

Dessa forma, a ideologia caracteriza um movimento, traça seu caráter, elucida seus mecanismos de apreensão, de conhecimento, de disseminação de seus ideais, que se posiciona de forma a garantir uma identidade, de legitimar um processo, “[...] o que induz homens e mulheres a confundir-se, de tempos em tempos, com deuses ou vermes [...]” (EAGLETON, 1997, p. 12). Em pauta nas grandes discussões intelectuais, o conceito de ideologia ainda encontra-se em formulação e o possível desaparecimento dele no mundo contemporâneo, assim como a falsa consciência a ele atribuída ou referência dele à mera ilusão. Perde, assim, seu embasamento, quando amparados em acontecimentos históricos, acompanhados de seus agentes ideológicos, das divergências e convergências dos mais diferentes acontecimentos que montam e remontam suas significações. Portanto, as discussões, diante da trama incessante em uma mutabilidade inerente a qualquer ruptura com o modelo, pela busca de

significados que expressem a capacidade intelectual do homem, pela necessidade de continuidade ou transformação desde os primórdios, encanta e impulsiona as relações sociais em todas as suas formas.

### **3 GUSTAVO BARROSO: UM INTELECTUAL ORGÂNICO**

A palavra intelectual está ligada a uma derivação de *intelligentsia*, definição inicialmente, criada na Rússia do século XIX: “uma camada de indivíduos cultos e preocupados com os assuntos públicos que, constituída inicialmente por nobres, passou a ter percepção de si mesma como grupo social particular”. (BEIRED, 1998, p.123). Esse conceito também foi utilizado pelos franceses no final do século XIX, tomando notoriedade através do Caso Dreyfus, um capitão do exército francês de origem judaica, acusado e condenado por espionagem a favor da Alemanha. Desse caso ocorrido em 1894, a favor do capitão judeu, o “Manifesto dos Intelectuais” foi publicado e assinado por grandes figuras do campo cultural francês, tomando proporções de identidade desse novo grupo social.

É a essa relação engajada politicamente que o intelectual e suas funções assumem importância quando correlacionadas com o pensamento de Antonio Gramsci e a intersecção dele com a figura do intelectual exercida pelo integralista Gustavo Barroso.

Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso, cearense nascido em 1888, formou-se Bacharel em direito pela Universidade do Rio de Janeiro. Foi, dentre tantas outras participações políticas, um dos fundadores da AIB juntamente com Plínio Salgado e Miguel Reale. A ideologia integralista esteve presente na formulação, desenvolvimento e propagação dos ideais verdeamarelos. Gustavo Barroso ocupou diversos cargos de destaque, como presidente da Academia Brasileira de Letras aos 34 anos, autor de mais de cem obras, exerceu cargos públicos e diplomáticos em outros países além de professor, político, contista, folclorista, cronista, ensaísta, orador, historiador, geógrafo e romancista, mentor fundador do Museu Histórico Nacional. Suas obras políticas tinham o integralismo como principal foco doutrinário político, mas sua posição anti-semita o caracterizou diferentemente de outros intelectuais integralistas como Plínio Salgado e Miguel Reale. Não obstante suas explicações e acusações

aos judeus, o que de fato Gustavo Barroso exerceu fora o papel de funcionário de uma ideologia em pauta nos anos 30 no Brasil, através do integralismo, sua intelectualidade encaixa-se ao intelectual gramsciano.

Gramsci entende os intelectuais através de duas críticas: uma diz respeito ao intelectual como independente e autônomo da realidade a que está inserido; outra caracteriza o intelectual desprendido de outros ofícios, como os manuais. Ao contrário disso, o que caracteriza a categoria de intelectual está associado às ações dele com o meio ao qual pertence. Além disso, outras questões como a qual classe o intelectual pertence, a estrutura social que o determina e as funções que exerce, sejam elas reprodutoras ou transformadoras da ordem social, também elucidam essa categoria. (BEIRED, 1998).

Gramsci fora o marxista que mais priorizou a figura do intelectual. Seus estudos repercutiram nas responsabilidades e funções do intelectual. Contra um economicismo mecanicista e reducionista da II Internacional, Gramsci elevou a importância das superestruturas, desmistificou a ideologia como unicamente determinada pela economia, ou mesmo como uma falsa consciência ou explicitamente ilusória, atribuiu ao papel do intelectual à função organizativa da ideologia.

Assim sendo, Gramsci critica a figura do intelectual desvinculado da realidade social, autônomo em seus pensamentos e decisões. Para ele, esse tipo de intelectual é denominado como tradicional, pois se “[...] sentem como ‘espírito de grupo’ sua ininterrupta continuidade histórica e sua ‘qualificação’; eles consideram a si mesmo como sendo autônomos e independentes do grupo social dominante”. (GRAMSCI, 1979, p.6). Essa posição idealista na perspectiva gramsciana expressa a relação conturbada que os intelectuais sobrepuseram-se durante séculos nas sociedades ocidentais. A esfera cultural artística condicionada ao campo idealista traduz, paralelamente a ela, a figura do intelectual que perpassa ora como desinteressada, ora determinada pela história material. (FACINA, 2007). Nesse viés, Gramsci assume uma transformação da história intelectual que se modifica com a complexidade do aparelho estatal, com a transição de uma época, com a nova divisão do trabalho, com a ampliação das instituições educacionais, com o desenvolvimento de novos intelectuais, os chamados “intelectuais modernos” ou “intelectuais orgânicos”. (BEIRED, 1998).

Dessa forma, os intelectuais distinguem-se por assumirem posições de reprodução ou transformação. O intelectual orgânico, remanescente de um envolvimento político social, é responsável pela organização da sociedade, das

idéias que formam uma nova vontade nacional popular. Não mais visando um cosmopolitismo – utilizado em grande escala pelos intelectuais tradicionais – desligando-se das necessidades nacionais, articulando em prol do meio externo e assumindo postura indiferente às questões internas.

Assim como a importância conferida por Gramsci às superestruturas, a função mediadora do intelectual determina a relação entre grupo dominante e organização social. Para Gramsci os intelectuais são os funcionários dessas superestruturas, responsáveis pela hegemonia e dominação delas. A essas superestruturas dois planos delimitariam a atuação do intelectual orgânico: a sociedade civil e a sociedade política. Os intelectuais orgânicos funcionam então como mediadores dessa relação entre Estado e sociedade, poder dominante e demais classes. A relação do intelectual orgânico está sujeita a uma hierarquização do próprio domínio intelectual. No mais alto grau hierárquico está para Gramsci o intelectual orgânico, com uma autonomia relativa; e os mais humildes, ou mais imediatistas, funcionam como agentes passivos, mais receptivos.

Assim, Gustavo Barroso assumiu seu papel de intelectual orgânico. Como exemplo, aprofundou-se posteriormente ao intercâmbio político, ao título de presidente da Academia de Letras, na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, onde se mostrou altamente influente, disseminando o integralismo em suas palestras, realizadas duas no salão do Instituto Granbery da Igreja Metodista e a última no salão de festas do Pálace Hotel, as três no decorrer dos primeiros anos do decênio de 1930 (GONÇALVES, 2007). Gustavo Barroso engendrou sua estratégia política em uma das instituições que funcionava como instrumento de persuasão e propagação: as escolas.

Desde a sua importância originária no mundo medieval e, posteriormente, no mundo moderno, a organização escolar funcionou com uma determinante social de intelectuais. Gramsci aponta que “a escola é o instrumento para elaborar os intelectuais de diversos níveis. A complexidade da função intelectual nos vários Estados pode ser objetivamente medida pela quantidade de escolas especializadas e pela sua hierarquização” (GRAMSCI, 1979, p.9). Nos anos 30 no Brasil o crescimento das instituições educacionais era visível, se comparado com os anos anteriores: “[...] em 1932, as escolas superiores nos ramos tradicionais se haviam multiplicado em virtude da ampliação da rede de estabelecimentos privados bem como em consequência da extensão da rede de estabelecimentos públicos” (MICELI, 1979, p. 37).

Diante dessa transformação, ou ruptura com o modelo político vigente,

esteve espelhado o movimento integralista, subsidiado por seus intelectuais, na tentativa de incorporar as necessidades do panorama brasileiro da década de 30, exaltando características peculiares de um movimento dos anos de 1930 através, sobretudo, da atuação de intelectuais orgânicos que como Gustavo Barroso, no núcleo dirigente do movimento político integralista, atuou na função organizativa do partido, na disseminação ideológica, na mediação das classes sociais envolvidas, na exaltação ao Estado Integral, na ambição hegemônica, na perspectiva gramsciana de intelectualidade.

#### **4 O INTEGRALISMO EM JUIZ DE FORA ATRAVÉS DO INTELECTUAL GUSTAVO BARROSO**

Juiz de Fora, outubro de 1933. A Princesinha de Minas entrava de forma notória para a história do integralismo nacional. Esta pode ser considerada a data marco da influência e do desenvolvimento do ideal integralista em terras juizforanas. A esse momento deve-se a relação do integralismo com uma instituição de ensino, o Instituto Granbery da Igreja Metodista. Como propulsor dessa empreitada ideológica esteve à frente o professor do instituto e mediador da vinda de um dos militantes mais destacados da Ação Integralista Brasileira, Oscar Machado. Ao lado dessa iniciativa, esteve presente uma figura de grande peso na época, o então Presidente da Academia de Letras, uma das principais influências ideológicas dentro do movimento integralista, Gustavo Barroso.

A trajetória de Barroso desde cedo apontava grande querência pelo ofício militar, profissão de desinteresse pela elite; mesmo assim, ele seguiu o caminho que a maioria dos pais encaminhava seus filhos neste momento, as profissões liberais de advogado ou médico. Em 1907, Barroso ingressou na Faculdade de Direito de Fortaleza. Em 1910, transferiu-se para o Distrito Federal concluindo seus estudos de Direito. Em 1912, Barroso publicou seu primeiro livro, Terra de Sol. Desenvolveu, nos anos posteriores, reconhecida presença e influência nos âmbitos políticos, educacionais, culturais e de imprensa. Perpassou por importantes cargos, como na fundação do Museu Histórico Nacional, esteve nos anos 20 praticamente afastado da vida política e, nos anos 30, participou ativamente da campanha eleitoral à presidência da República, apoiando Júlio Prestes Vital Soares. Derrotado politicamente nessa eleição, Barroso, em 1933, ingressou na AIB.

A AIB como movimento de extrema direita, resultante de um contexto

permeado pelas mais diversas tensões políticas, sociais e econômicas das décadas de 20 e 30 no Brasil, não pode ser visto ou estudado como um movimento de origens doutrinárias uniformes e monolíticas. Assim sendo, seus intelectuais mantinham suas particularidades. Plínio Salgado, o Chefe Nacional, detentor do maior posto dentro da hierarquia integralista, apresentou-se através do caráter doutrinário católico, defendeu a revolução espiritual, agiu no compromisso de revigorar a alma brasileira e resgatar as raízes nacionais. Miguel Reale, a reflexão jurídica política do intelectual, que o fez imprescindível ao movimento e ao momento, buscando através do integralismo uma meditação sobre os problemas brasileiros, em suas especificidades. E, por sua vez, o militante e antisemita Gustavo Barroso que, longe de condenar o sionismo por seu caráter étnico-racial, acusava-o das influências econômicas que os judeus promoveram no Brasil desde a sua independência, relacionando a situação precária do País dos anos de 1930 com um passado de dívidas e empréstimos aos banqueiros judeus, chegando até mesmo a ser o tradutor do livro *Os Protocolos dos Sábios de Sião*.

Foi esse intelectual que recebeu grande parcela de mérito na influência do integralismo em Juiz de Fora. Uma influência que remonta, sobretudo, às primeiras notícias do movimento no jornal *Gazeta Mercantil* de 22 de outubro de 1932, descrevendo a presença e as propostas de Plínio Salgado. Em junho de 1933, Juiz de Fora contou com a presença do Ministro alemão Schmidt Elskop, e Hitler foi coberto pela imprensa desse momento de inúmeras glórias e satisfações (CORRÊA, 1973).

Percebe-se então a figura do intelectual orgânico, do interesse de se homogeneizar uma classe social, de transmitir uma ideologia concisa e adaptável ao momento, de realizar em uma instituição de educação uma superestrutura, como já propunha Gramsci, adepto da doutrina partidária esquerda.

Nesse momento, sendo utilizada pela extrema direita, a verdadeira revolução ideológica, tendo à frente dessa missão uma mente pensante, proposta pelo pensador marxista Antonio Gramsci, é utilizada de forma diferente do proposto por sua base teórica de origem esquerdista, mas nem por isso utilizada erroneamente. Pelo contrário, neste caso, a mente pensante foi o intelectual Gustavo Barroso e sua ideologia o integralismo:

É preciso, sem perda de tempo, refundir o estudo, moralizá-lo, arejá-lo, afim de preparar gerações de outra espécie, capazes de trabalhar, pela grandeza do Brasil. Ao mesmo tempo, é necessário ir desintoxicando as gerações empeçonhadas a

pouco e pouco. Uma obra dessas só poderá ser realizada por um grande movimento cultural. Entretanto, os moços ignorantes são agitados uma demagogia comunista sem escrúpulos. Sem instrução, sem capacidade de refletir, sem gosto pelo esforço, sem escola de sacrifício, são facilmente pasto de ideologias baratas e trabalham pela própria escravidão, pensando que agem a prol de reivindicações das massas (BARROSO, 1937, p. 28).

Os jovens constituíam o público alvo dos movimentos políticos. Era à mocidade da época que a ideologia deveria sensibilizar, reflexionar, ser compatível. E nada mais lógico do que inferir em âmbito educacional para promover essa conscientização ideológica que o integralismo tanto propunha:

Ensinares aos moços a, dentro do cultivo das tradições regionais, se sentirem brasileiros em primeiro lugar, para, depois, se lembrarem de que são pararas ou capichabas, goianos ou mineiros, paulistas ou gaúchos. Se atingirmos um dia esse marco miliário, teremos realizado a obra majestosa da imunização espiritual pela educação (BARROSO, 1934, p. 126).

A isso, somou-se a o tipo de educação do Instituto Granbery, porque, mesmo não sendo baseada na doutrina religiosa católica, as intenções entre o integralismo e instituição aliam-se na medida em que “existe uma necessidade de formar uma concepção política nos educandos para que os ideólogos tenham a garantia de seus interesses”. (GONÇALVES, 2007 p.87). A religião que em um primeiro momento pode ser alvo de especulações, uma vez que o Instituto Granbery da Igreja Metodista era de religião protestante. Justifica-se, sobretudo, essa aproximação entre campos sumariamente tão opostos em suas ideologias a necessidade de mudança através de um movimento reformador e educativo, uma proposta que se tornou o elo entre eles. Em relação a essas diferenças, discorre Barroso:

O integralismo quer inteira liberdade de confissão religiosa. Afirmando Deus e o Espírito, não pode o Estado Integral ser exclusivista em matéria de crença. [...] A luta contra a invasão materialista no mundo não pode tolerar, neste momento, divisões entre os filhos de uma mesma pátria, nem de partidos políticos, nem de classes sociais, nem de credos religiosos (1937, p.115-116).

Sendo assim o que se realizou no Instituto Granbery no ano de 1933 foi uma união de interesses em comum, entre uma comunidade educacional e um movimento político em ascensão. Educadores do colégio, como Oscar Machado e tantos outros simpatizantes, aderiram à ideologia integralista em prol de suas posições em relação à dominação intelectual que pretendiam estabelecer na formação de seus jovens alunos. O Integralismo seria caminho certo a ser percorrido a fim de se alcançar a tão almejada formação de consciência coletiva

Essa consciência priorizava a figura do intelectual como responsável pela intersecção entre ideologia e sociedade, garantindo propósitos de unidade, de hegemonia, através de um processo doutrinário que influenciasse em todos os campos sociais a decisão dos cidadãos. Esse interesse em catalisar o poder doutrinário vigente garantia, assim, a dominação de uma classe sobre as demais, ou seja, dos intelectuais sobre o povo, que aproximou as divergências de uma instituição protestante em prol de um objetivo bem maior: a necessidade de se estabelecer domínio ideológico através da via educativa em questão.

Para tal, em um primeiro momento, Barroso utilizou-se em Juiz de Fora de três conferências ocorridas em outubro, no ano de 1933. A primeira, realizada no salão do Instituto Granbery da Igreja Metodista no dia 20, intitulada como "A Inquietação do século XIX e a Reconstrução do século XX" pode ser analisada através de um capítulo do seu próprio livro, *Integralismo de Norte a Sul*, de 1934. Essa obra aborda as diversas palestras que o intelectual promoveu em vários estados do Brasil, inclusive em Juiz de Fora. Neste capítulo, o autor aponta para as atrocidades advindas do século XIX, em que o século XX seria o momento de reconstrução, cujos pioneiros desse processo resgatariam a excelência da alma, remodelariam o mundo em pútrida ordem.

A transformação, portanto, só seria admissível se realizada em torno da unidade, do resgate da nacionalidade, da aceitação das diferenças intrínsecas ao ser humano, da abominação da animalidade tantas vezes proferida aos homens, da prioridade a disciplina espiritualista, ou seja, unir novamente política e moral.

A segunda conferência, tal como a primeira, foi realizada no Instituto, com o título "O sentido Novo da Política, da Educação e da

Economia", também referenciada em seu livro citado anteriormente. O tema dessa palestra foi bastante relevante por se referir aos modelos de educação tão erroneamente aplicados pelas instituições de ensino que, ao ver do autor, estavam corrompidas por um modelo mecanicista de aprendizagem e seus mestres perdidos em seus valores em ambiente nada mais apropriado. O ensino estava por vezes a abandonar o primado espiritualista, admitindo e seguindo técnicas modernizantes que só propiciavam a inversão de valores.

Para Barroso "a educação é a própria substancia da vida, sobretudo da parte espiritual" (1934, p.109), em que a matéria estaria submetida ao espírito e não o contrário. Como o que acontecia era justamente uma inversão disso, que segundo o autor "se perdeu o verdadeiro conceito da unidade social e da harmonia social" (1934, p.109), estavam os comunistas e seus regimes individualistas e arbitrários, causadores de uma desordem moral que incutia em todos os ramos da vida social, tanto na educação, como na política e na economia uma materialização do sentido da vida. Sendo assim, "o conceito verdadeiro da educação, é levar o estudante á sabedoria, isto é, ao saber, primeiro, e a aplicação técnica, depois". (1934, p.114). A política por sua vez tornava-se cada vez mais influenciável e menos confiável. A economia esta estava, ao ver do intelectual, deteriorada por um liberalismo excludente, do qual o poder Estatal não mais consagrava os méritos ao qual foi criado e, por sua vez, apontava para uma real sucessão do comunismo através do liberalismo.

A terceira e última conferência, realizada no dia 23, no Pálace Hotel, recebeu o título de "Liberalismo, Comunismo e Integralismo", também encontrada no livro do autor citado anteriormente. O que Barroso esboça nas páginas do seu livro referente a esse tema é a caracterização de cada uma dessas ideologias, a intenção de suas políticas e o fundamento de suas filosofias. Suas críticas aos dois primeiros sistemas são vorazes, indicando as falhas, que para ele, conduzem a sociedade ao caos total. Sobre o liberalismo, "as garantias que o regime liberal dá ao eleitor, morais ou materiais, são tão precárias que o próprio regime o esconde num cubículo para votar". (1934, p. 18).

Para Barroso, o liberalismo não era confiável. Seu desmantelamento era visível e causava a desordem social em todas as relações sociais, fossem elas políticas, econômicas, educacionais ou mesmo religiosas. O comunismo por sua vez:

Para os comunistas, a história é simples resultado do movimento automático da economia e das reações que produz. A sociedade

toda se explica pelo desenvolvimento econômico. Naturalmente, essa visão lateral esbarra diante dos fenômenos superiores de ordem intelectual (1934, p. 28).

O comunismo era a forma mais fatal de se conduzir uma nação e seus cidadãos, um sistema falso e contraditório, que utilizava a luta de classes para retirar do Estado suas principais tarefas enquanto organizador e mantedor da ordem. "O verdadeiro criador do comunismo marxista é o velho materialismo judaico que vem desde muitos centenários solapando os alicerces da civilização cristã. Ele influenciou o advento do liberalismo que abriu as portas ao comunismo". (BARROSO, 1934, p.39). O integralismo era, portanto, a doutrina a ser seguida e, seus intelectuais, os mais capacitados:

O liberalismo isolou o homem no individualismo e somente o considerou como cidadão-eleitor. O comunismo submerge-o no oceano da massa e o transforma em parafuso com estomago e libido dum maquinismo social. O mundo inteiro sente a imprescindível necessidade de uma síntese que combata análises unilaterais. No duelo travado entre burgueses e operários, os verdadeiros intelectuais entram em uma terceira forma de justiça social. Karl Marx não previu este aspecto da luta de classes. Sua doutrina coordena os valores sociais dispersos e os canaliza para alto fim humano. Suas primeiras manifestações chamaram-se fascismo e nacional-nacionalismo. Sua expressão mais completa chama-se integralismo (1934, p.45).

Suas palavras proferidas nas conferências em Juiz de Fora traduziram-se em estímulo ao desenvolvimento do movimento integralista na cidade. O Instituto Granbery, o pioneiro nessa empreitada ideológica, contou com a adesão de diversos ramos sociais, em um projeto de dominação ideológica das massas, amplamente difundido pelo professor Oscar Machado "considerado nesse meio um detentor da intelectualidade formadora de opiniões". (GONÇALVES, 2007, p.90). Uma influência que não ficou restrita à vinda de Barroso e às suas palestras, mas pode ser considerada como o grande momento precursor do sucesso do movimento que, a partir de 1934, já contava com uma própria sede da AIB em Juiz de Fora, com merecido destaque nacional e estando ao cargo de Chefe Municipal do Integralismo no dia 6 de abril desse ano o professor Oscar Machado. No final de 1933, a força da AIB já se mostrava presente, com a vinda do Chefe Nacional a Juiz de Fora.

O Integralismo de Juiz de Fora contou com devido prestígio durante todo o seu funcionamento na cidade. Em março de 1934 uma nova caravana que passou por Juiz de Fora contava novamente com a presença de Gustavo Barroso e Plínio Salgado. Em junho desse mesmo ano, a Milícia Integralista foi criada em Juiz de Fora e o jornal Sigma iniciou sua circulação quinzenal, depois remanejada para semanal. Dos dias 9 a 14 de julho, foi realizada a “Semana Integralista” em Juiz de Fora e em agosto providenciou-se a criação da Juventude Integralista.

A cidade de Juiz de Fora foi palco de encontros entre forças integralistas de diversas cidades mineiras, atingindo grande repercussão nacional em seu envolvimento com o ideal integralista. Passados os anos, 1937 foi o último da legalidade da Ação Integralista Brasileira e as forças oposicionistas já ecoavam substancialmente em Juiz de Fora, assim como em todo o Brasil, findando-se no dia 2 de dezembro de 1937, pelo decreto-lei nº 37, assim como os demais partidos políticos da época. No dia seguinte ao decreto, fechou-se a sede local da AIB em Juiz de Fora, o integralismo juizforano chegou ao fim.

O que de fato se extinguiu era o integralismo como partido legal, dotado de grande influência e prestígio político nacional. Com o Golpe de 1937, uma nova era marcava o cenário brasileiro, sem, contudo, apagar da consciência e da formação intelectual dos cidadãos a bagagem inerente aos novos intelectuais e pensadores, através da influência doutrinária, mesmo inconsciente, de diversas ideologias que, exemplificada através do integralismo neste estudo, contribuíram para a fertilização e o desenvolvimento político brasileiro.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância deste estudo está intrinsecamente ligada ao entendimento da capacidade de tornar a ideologia uma delicada imposição. Desse modo, as atribuições ao intelectual Gustavo Barroso residem na utilização do integralismo como ideologia para sedimentar as relações sociais nas quais o intelectual está imerso, independentemente do período em que se estude o desenvolvimento de uma obra, tornando clara a relação existente entre um público alvo e um trabalho bem estruturado.

Sendo assim, o presente trabalho utilizou-se da ideologia integralista

e das estruturas conceituais que a cercam, utilizada por Gustavo Barroso, membro intelectual da sociedade de 1930, analisado através de Gramsci e suas contribuições acerca da importância dos intelectuais, da conexão desencadeada através de um Instituto Educacional e pela busca a uma hegemonia cultural da qual a influência ideológica é o grande álibi. Mesmo sendo Gramsci um pensador tradicionalmente esquerdista, foi utilizado para estudar um intelectual de extrema direita, sem maiores problematizações acerca do tema. Em função das três conferências proferidas por Barroso, através da experiência doutrinária em cenário pautado na preferência pela mocidade da época, o grande alvo ideológico, especificando-se a partir da cidade mineira de Juiz de Fora e do Instituto Granbery da Igreja Metodista, resumem-se na atividade aqui exposta.

Cabe compreender, então, que, através da persuasão condicionada ao integralismo como ideologia, houve incontestavelmente adesão de grande parcela da sociedade brasileira, mais especificadamente da comunidade de Juiz de Fora- MG através da figura do intelectual orgânico esboçada através de Gustavo Barroso. E, acima de tudo, ratificar a importância de um movimento ideológico e seus contribuintes, os intelectuais, como construtores da consciência nacional de seu povo, através de mecanismos doutrinários que, longe de findar-se no tempo e no espaço, atravessam os anos e suscitam interesses ao longo da história.

## REFERÊNCIAS

BARROSO, Gustavo. **O Integralismo de Norte a Sul**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

\_\_\_\_\_. **Integralismo e Catolicismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: ABC Ilimitada, 1937.

BERTONHA, João Fábio. **Fascismo, nazismo, integralismo**. São Paulo: Ática, 2000.

BEIRED, José Luís Bendicho. A função social dos intelectuais. In: AGGIO, Alberto (Org.). **Gramsci: a vitalidade de um pensamento**. São Paulo: Unesp, 1998, p. 121-132.

CORREA, Maurício de Castro. **Ação Integralista Brasileira: seus reflexos em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Trabalho apresentado ao IIº Prêmio de Pesquisa DCE, 1973.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo: Boitempo, 1997.

FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GONÇALVES, Leandro Pereira. Tradição e cristianismo: o nascimento do integralismo em Juiz de Fora. In: SILVA, Giselda Brito (Org.). **Estudos do integralismo no Brasil**. Recife: Edufrpe, 2007.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MENDONÇA, Sônia Regina de. Da republica velha ao estado novo. In: LINHARES, Maria Yedda. (Org.). **História Geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990. p. 302-315.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e Classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

PARENTE, Josênio. **Anauê: os camisas verdes no poder**. Fortaleza: EUFC, 1986.